

PALEOPAISAGEM

Livro 110

Escritos Fenícios

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



PALEOPAISAGEM

A interpretação e reconstrução de paisagens antigas constitui um trabalho de arqueologia paisagística sumamente complexo no que tomam parte diversas disciplinas entre as que se encontram a paleobotânica. O conhecimento da cobertura vegetal pretérita permite conhecer modelos de evolução dos sistemas florestais, solucionar aspectos controvertidos acerca do caráter autóctone de certas espécies vegetais, chegar a conhecer formações concretas e, inclusive, lançar luz sobre episódios pretéritos de sucessão de períodos secos e úmidos, frios e cálidos, incêndios, etc.

Nas jazidas de origem antrópico, a análise de restos vegetais desde um enfoque cultural pode informar sobre determinadas relações homem-meio tanto sincrônica como diacronicamente.

Entre os diferentes tipos de restos paleobotânicos, os macrorestos (madeira, carvão, frutos e sementes) apresentam a vantagem de que sua análise resulta, em muitos casos, específico, alcançando uns níveis de determinação sistemática muito mais precisos que os provenientes da palinologia. (ciência que estuda o pólen e as esporas, vivos ou fósseis)

O ponto de vista botânico as jazidas apresentam um enorme interesse por várias razões:

- abundância de restos.
- variedade do tipo de restos (salvo pólen, se encontra todo tipo de paleorrestos vegetais).
- evidência clara presença de espécies de interesse botânico pela discussão sobre seu caráter autóctone e/ou espontâneo (como o pinho pioneiro).

FONTE: Fernando Gonzalez de Canales Cerisola, Leonardo Serrano Pichardo, Jorge Llomparte Gómes.



RESTOS DE DESCARTES

Entre os restos de descartes de entalhes de marfim e de produtos acabados (aproximadamente um 20%) foram recuperadas 816 peças, com um peso de 2.230 kg. Também se exumou um grande resto de presa de elefante de 3.265 kg. Como no caso das madeiras, objetos de osso, corno, dente e ovos de avestruz.

FONTE: Fernando Gonzalez de Canales Cerisola, Leonardo Serrano Pichardo, Jorge Llomparte Gómes

O EMPÓRIO FENICIO PRECOLONIAL DE HUELVA

Na primeira metade do século VIII a.C., O empório de Huelva, já bem estabelecido, deveu participar no planejamento das colônias fenícias do sul da península ibérica e costas africanas. Ainda que a presença do marfim e ovos de avestruz já indica uns contatos com África anteriores à expansão colonial, também deveram estabelecer-se contatos com Portugal se desde os primeiros momentos existiu interesse pelo estanho. Pode, igualmente, produzir-se algum tipo de assentamento na estratégica ilha de Cadiz. Mais tarde, o mesmo habitat, fortemente industrializado e que havia alcançado uma amplitude em torno a vinte hectares densamente urbanizados, seria conhecido pelos gregos como Tarteso e qualificado de cidade-empório.

FONTE: Fernando Gonzalez de Canales Cerisola, Leonardo Serrano Pichardo, Jorge Llomparte Gómes

ESCOLA SÍRIA

Dentro da “escola Síria”, a de Hama, a capital do estado sírio-hitita de Hamath, foi identificado como o de Huelva, pelos restos de sucata e peças sem acabar. De outra escola oriental, a fenícia, aparecem produtos dispersos desde a Mesopotâmia a Etrúria (Barnett), tentando determinar que oficinas elaboraram esses marfins. Entre os tributos pagos por Tiro aos reis Assírios em diversos momentos dos séculos IX-VIII a.C. figuram prata, chumbo, ouro, ferro, bronze, marfim, e lã tingida de púrpura, e de todos eles podia abastecer-se Huelva.

FONTE: Fernando Gonzalez de Canales Cerisola, Leonardo Serrano Pichardo, Jorge Llomparte Gómes



SOLO PANTANOSO

O solo pantanoso representa o nascimento e a consolidação de um empório dependente dos interesses de uns agentes forâneos cujas atividades distavam muito

dos erráticos movimentos de aventureiros de fortuna. A um período de longa evolução, em que o registro arqueológico vem representado fundamentalmente por ânforas de transporte, sucederá, desde inícios do século VIII a.C., um súbito desenvolvimento. As razões que moveram aos fenícios a fixar-se em lugar ficariam mostradas em numerosos achados: progressivamente se estabeleceram especialistas metalúrgicos, artesãos ceramistas, em ebanesteria, marfim, cantaria (muro de São Pedro), construção naval, etc., que dominam umas técnicas novas e vão interagir fortemente com o mundo indígena e introduzir novas mudanças na exploração do território, aproveitando a maior escala os recursos existentes a curta (minas polimetálicas) e médio-longa distância (marfim). A demonstração desde cedo de um triplo benefício de cobre, prata e ferro assegura seu principal interesse: a provisão de metais, especialmente prata, que beneficiada em anos sucessivos a escala gigantesca para a época determinou o enriquecimento de Tiro por seu valor premonetal e como metal precioso.

FONTE: Fernando Gonzalez de Canales Cerisola, Leonardo Serrano Pichardo, Jorge Llomparte Gómez

VENHO

Venho guardado na ânfora, restos de sangue nos remos, memória no cais, histórias importadas e deportadas, migrações por fome e por guerras, inúteis oferendas no sangue dos inocentes. Venho de cruzar mares, continentes, venho de andar em silêncio e no gritar que assusta o medo, de não dormir de noite acariciando meu passado com autênticos sentimentos.



CASAS DE ALDEIAS

Nas aldeias, nas casas povoadas de amores se criava uma expansão com alegria. Um interstício alimentando a pele, uma história recordando apegos e vínculos. Tais eram as certezas, nunca ninguém duvidava da sua competência.

INDULTO

Ousei perguntar aos mares se as ondas me entenderiam enquanto os ventos me animavam a aspirar a terra firme. Só, como muitos navegantes, temendo a extradição dos mares sem fronteiras, em meio as tempestades, seria eu beneficiado com o prêmio da prerrogativa do indulto que tanto necessitava?



MOLDES

As memórias são moldes de histórias, retratam e vivenciamos aquilo que fomos, que fica atualizado, esperando a recuperação. Harmonizando-se com o andar do tempo, saem à superfície como velhos caminhos recuperados. Modeladas como ações etéreas, quase impalpáveis, só lhes damos a condição de realidade pelo estrago ou ajuste que espelham. É preciso estilhaçá-las para refinar o tragável, convidando-as a sair do retiro, para que elas quebrem os silêncios de resignadas ausências e outras dimensões emocionais.

***UM HOMEM DE PALAVRA – LIVRO DE NAZIR
HAMAD***

Contar uma história que não é verdadeira, só para divertir aos demais, não é uma mentira. A mentira é egoísta. Eu conto histórias cujos heróis são os ouvintes. Eles têm um irmão, um pai, um tio ou um filho que fez a guerra e cujos rastros se perderam. Eles me escutam, é verdade, porém é o ausente que lhes fala em meus relatos. Eles perderam um homem comum, para não dizer deplorável, porém ao me escutarem ele cresce em suas imaginações.



***A ARTE DA MENTIRA POLÍTICA – JONATHAN
SWIFT (1710)***

O poeta nos diz que quando os deuses derrotaram os monstros, a terra em vingança deu luz à sua última filha: a Fama. A fábula deve interpretar-se como segue: quando os tumultos e as pilhagens aquietem, os rumores e as notícias falsas circulam com profusão pela nação. Segundo isto, a mentira seria o último consolo

dos grupos derrotados, terrenos e rebeldes. Porém os modernos aportaram grandes melhoras ao aplicar esta arte também para fazer-se com o poder e conservá-los e não só para vingar-se quando o perderam, al igual que os animais usam suas mandíbulas tanto para alimentar-se quanto têm fome como para morder quando se lhes persegue.



CONFLITO PALESTINO-ISRAELENSE (CHOMSKY) RECONHECER AS “NÃO PESSOAS”

Em 10 de abril, a Liga Árabe regressou definitivamente a sua anterior condição de “não pessoa” ao instar a Nações Unidas a impor também uma zona de exclusão de voos sobre Gaza e a levantar o assédio israelense sobre a Faixa (um chamamento que foi praticamente ignorado).

Também isso tem bastante lógica. Os palestinos são o protótipo de “não pessoas”, como vemos regularmente. Consideremos, se não, o passado número de novembro-dezembro da revista Foreign Affairs, cujos dois primeiros artigos tinham como tema o conflito

palestino-israelense.

Um deles, escrito por dois altos funcionários israelenses (Yosef Kuperwasser y Shalom Lipner), culpava da continuidade do conflito aos palestinos por negar-se a reconhecer a Israel como Estado judeu. Seus autores se tinham assim ao que é a norma em diplomacia internacional: importa somente o reconhecimento oficial do Estado em questão, com independência de qual seja o sector privilegiado desse Estado que tenha todas as de ganhar com tal reconhecimento.

O segundo, do acadêmico estadunidense Ronald R. Krebs, atribui o problema a ocupação israelense. Porém o artigo leva o subtítulo de “How the Occupation Is Destroying the Nation” (Como a ocupação está destruindo a nação. Que nação? Israel, claro, prejudicada por ter o pescoço de todas essas “não pessoas” debaixo da sua bota.

Outro ilustrativo exemplo: em outubro, os titulares da imprensa anunciaram a bumbo e prato a liberação de Gilad Shalit, o soldado israelense que havia sido preso em seu dia por Hamas. O artigo sobre o tema que publicou naquela data The New York Times Magazine se centrou no sofrimento de sua família. Shali foi posto em liberdade intercambiado por centenas de “não pessoas”, das que pouco se nos dizia mais além de um limitado debate em torno a se sua soltura podia

prejudicar a Israel.

Tampouco nos contavam nada das centenas de detidos que passam longos períodos de reclusão em prisões israelenses sem que se apresente acusação formal alguma contra eles.

Entre esses presos não mencionados estão os irmãos Osama e Mustafá Abu Muamar, civis sequestrados por forças israelenses que assaltaram a cidade de Gaza em 24 de junho de 2006, o dia anterior de que Shalit fora feito prisioneiro. A estes dois irmãos os “desapareceram” posteriormente dentro do sistema penitenciário de Israel.

Com independência do que pensemos sobre capturar a um soldado de um exército atacante, não cabe dúvida de que sequestrar a civis é um crime muito mais grave... salvo, claro está, que se trate de meras “não pessoas.” E de fato, esses crimes não tem comparação com muitos outros, como os ataques em aumento dos que são objeto os cidadãos beduínos de Israel, que vivem no Néguev, ao sul do país.

Se lhes está expulsando de novo em virtude de um novo programa dirigido a destruir dezenas de povos beduínos aos que já se lhe havia deslocado com anterioridade. Por motivos benignos, claro está. O Governo Israelense explicou que, nessa zona, ia fundar-se dez assentamentos judeus “para atrair nova

população a Néguev”: ou seja, para substituir “não pessoas” por pessoas legítimas. Quem pode opor-se a algo assim?

*DEL LIBRO PORQUE LO DECIMOS NOSOTROS –
NOAM CHOMSKY*



ALGO NODULAR

Um projeto, muitas vezes, vai por água abaixo por um erro de avaliação que considera menor algo que é nodular. Ao correr este risco se perde a credibilidade ante a própria equipe ao mostrar insistentemente a vulnerabilidade. Já, aqueles que têm êxito, se constroem porque não insistem nos seus erros, acabam aproveitando a própria experiência para ter a humildade de reparar seus equívocos para melhorar, e é exatamente por isso que se destacam. Vale lembrar que não há pior coisa que um mau exemplo.

PARTE DO TEXTO ELABORADO COMO DOCUMENTO TESTEMUNHO (MÉXICAS)

Meus queridos filhos:

Hoje segundo dia de Toxcatl (aos vinte dias), que pertence ao único e verdadeiro Deus que está no céu e na terra e por todas partes no mundo, meus queridos filhos, sabe que por todas partes se afligem todos os senhores dos povos e também saibam que é o que fizeram e seguem fazendo os brancos em nome de Castilha. É conhecido como atormentam aos referidos senhores, os que tem a seu cargo os povos, os que tem a batuta do mando.

É sabido como os atormentam porque lhes pedem suas riquezas, porque não lhes dão todo o metal amarelo y lhes sequestram as mulheres e suas estimadas filhas donzelas. Não estão satisfeitos senão quando queimam aos senhores, como ao muito grande e referenciado Senhor de Michoacán, o muito grande Caltzontzin. E assim o fizeram também com outros senhores que tinham a seu cargo os povos, os que mandavam lá em Xalapan, Tlaxcalan, Tehuantepec, Oaxaca, e também com os senhores de outros povos onde se aproximaram invejosos, esfomeados de ouro, que se chamam cristãos (...)

Quanto sangue se derramou, era o sangue dos vossos

país! E para que? Para que se fez isso assim? Sabei porque só eles querem ser os que governavam, porque estão esfomeados de ouro, das propriedades dos outros, porque querem tê-los debaixo de seus pés (...)

FONTE: Testimonio de la fundación de Santo Tomás de Aquino, archivo general da la nación México.



A ROTA DOS DESCAMINHOS

Cada pessoa será um espaço de referência que reflete positiva ou negativa, como estímulo à civilidade ou como dispersão arrasadora. A ficção mente, fratura a verdade quando não a realiza e quando a combate. O domínio da palavra e do veículo dispostos a compra e venda, joga fundo e sujo. Confunde aparências e oficializa a banalização deformante. A inversão é uma armada queles que tem a criação a serviço da intoxicação, das manobras e da farsa bem paga e bem difundida. Consumida a ficção, rebatem números, inventam números, violentam como anjos bem intencionados, debocham e riem dos pobres. Especuladores sempre estarão oferecendo a poção mágica do momento

coincidindo com os ideais nunca alcançados. Seus atos e discursos são o inverso do romantismo, persistem em afirmar que a única verdade é negativa, manipulável e negociável. O amor é o último rugido das bestas que ainda acreditam na humanidade. A besta é o destino, o eunuco o ideal, a vida um espaço de manipulações, e o espaço um utilitário para definir que não vale a pena acreditar em nada. A festa dos debochados, infelizes por falta de plateia exacerba os ânimos e convida à deturpação da leitura do mundo onde se vive a vida real. Eles se apropriaram da patente da falsificação.



A HERANÇA DOS NOSSOS FILHOS

O principal patrimônio da humanidade, cuja conversação representa uma das mais graves responsabilidades de cada geração, está constituído por todos e cada uma das diferentes espécies de criaturas, de todo tipo, que vivem no nosso planeta. Cada uma delas conserva em sua herança genética 3.600 milhões de anos de história evolutiva, com todas as solidões e adaptações que a linhagem de cada espécie foi encontrando e acumulando ao longo de milhões de anos.

O MAPA ANCESTRAL

O mapa ancestral se registra em gestos, reconhecimentos, aproximações, ares, olhares, costumes, posturas, marcando o corpo e a alma de humanidades desordenadas no tempo e no espaço, sustentando sentimentos singulares e memórias ancestrais reconhecidas, muito mais que coincidências.



COMO VULCÕES

Os vulcões como os seres humanos, são ciclotímicos, oscilam com baixa previsibilidade de seguimento.

Roberto Curi Hallal

